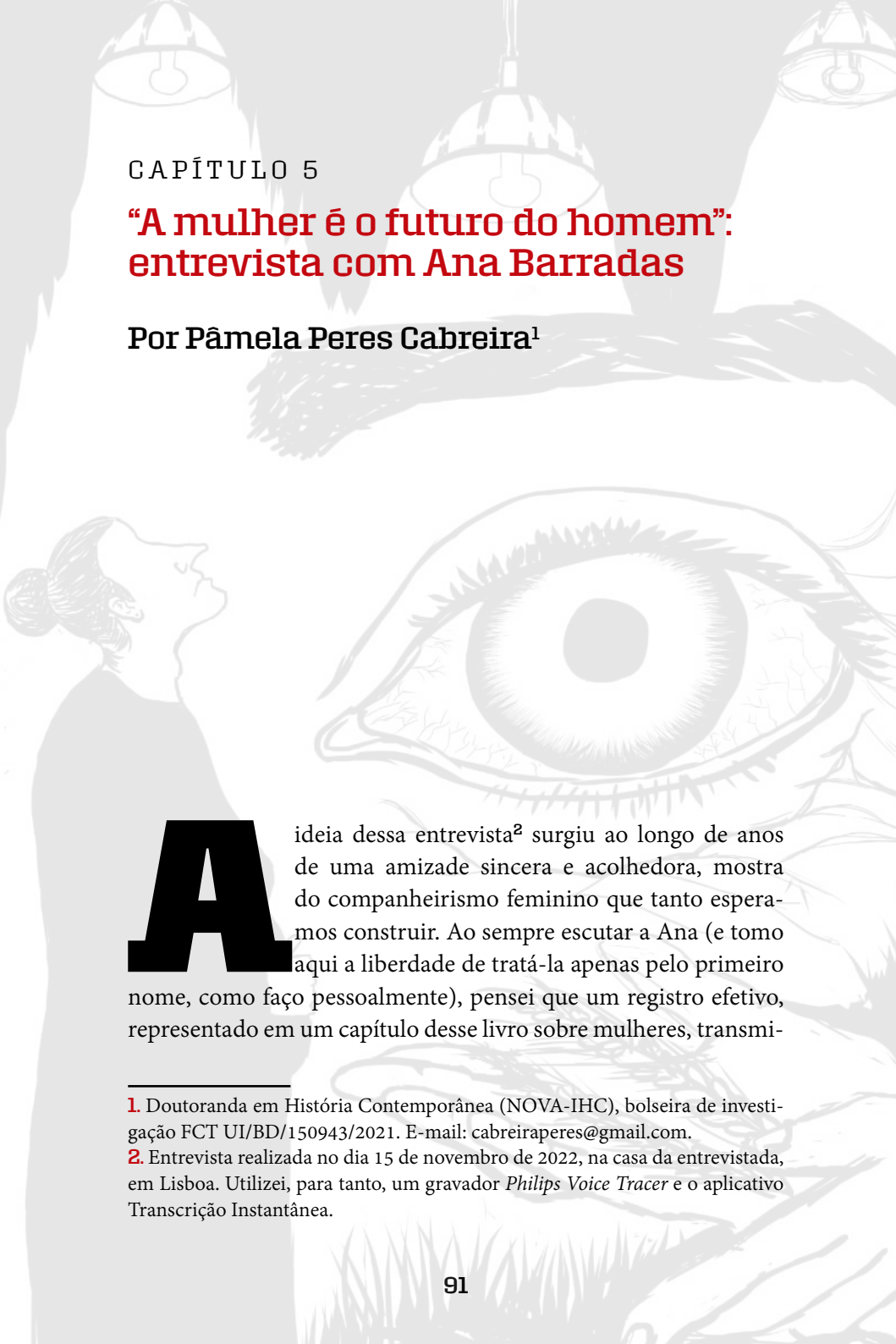




CAPÍTULO 5

“A mulher é o futuro do homem”: entrevista com Ana Barradas

Por Pâmela Peres Cabreira¹

A ideia dessa entrevista² surgiu ao longo de anos de uma amizade sincera e acolhedora, mostra do companheirismo feminino que tanto esperamos construir. Ao sempre escutar a Ana (e tomo aqui a liberdade de tratá-la apenas pelo primeiro nome, como faço pessoalmente), pensei que um registro efetivo, representado em um capítulo desse livro sobre mulheres, transmi-

¹ Doutoranda em História Contemporânea (NOVA-IHC), bolseira de investigação FCT UI/BD/150943/2021. E-mail: cabreiraperes@gmail.com.

² Entrevista realizada no dia 15 de novembro de 2022, na casa da entrevistada, em Lisboa. Utilizei, para tanto, um gravador *Philips Voice Tracer* e o aplicativo Transcrição Instantânea.

tiria não apenas a minha admiração por sua personalidade, mas uma demonstração de que dentro do mesmo campo, podemos trabalhar na divergência. Espero que se sintam sentadas na sala connosco, nessa conversa descontraída e que por opção, fica aqui transmitida nesse mesmo tom.

Pâmela: A Ana Barradas é tradutora e jornalista de longa data. Nasceu em Moçambique. Foi redatora da revista *Política Operária* e editora da *Ela por Ela*. É autora de várias obras, entre as quais *Ministros da Noite*, *Dicionário de Mulheres Rebeldes*, *O Império a Preto e Branco* e *As Clandestinas*. Além disso, é tradutora de dezenas de diversos títulos, tal como livros de Jack London, George Orwell e Noam Chomsky. Ana, partindo dessa breve apresentação, poderia contar um pouco da sua história?

Ana: Olha a minha história é uma história de dinossauro (*risos*)... porque eu venho de muito longe. No outro dia estive ali na greve climática do Liceu Camões³ e me apresentaram: “essa senhora veio do movimento e estudantil dos anos 60 e 70 e ela vai falar da sua experiência”, e eu disse “*pá* não, eu venho dos anos 50” (*risos*). Isso para dizer que a minha consciência revolucionária...

3. A ocupação da Escola Secundária de Camões (é mais conhecida por seu nome de fundação, em 1902, Liceu Camões), em Lisboa, iniciou-se dia 07 de novembro de 2022, juntamente com outras seis escolas e universidades de Lisboa (estudantes foram agredidos pela polícia e quatro foram presos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa após uma brutal intervenção policial, como não se via desde os anos 60, em ditadura). Lutam contra o uso desenfreado dos combustíveis fósseis e por medidas que sustentem a preservação do meio ambiente. As ocupações coincidem com a Conferência das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas (COP27) e ainda se mantêm ativas até ao dia em que essa entrevista foi realizada.

política eu acho que já tinha subconsciente por causa da prisão de minha mãe e minha tia ter estado muitas vezes presa e outros familiares meus estarem muito ligados à luta antifascista e eu nasci no meio desse clima de oposição ao regime, nessa ansiedade de quando é que nos agarram, quando é que vamos ser presos. Então quando a minha mãe finalmente foi presa tinha eu 14 anos e eu e o meu irmão mais velho íamos às visitas em Caxias ver a minha mãe. Aquilo era um processo com muita gente e nessas visitas encontrávamos miúdos da nossa idade que iam ver os pais ou as mães. Em certa altura uma miúda disse-me lá “tu não estás no Filipa, no Liceu Filipa de Lencastre?” e eu disse “sim, bem me parecia, já te vi lá”. Ela era bem mais velha eu. Ela disse assim: “Anda cá”, chamou-me a parte. “Queres ir a uma reunião que a gente está a preparar, para uma associação dos alunos do ensino secundário...?”. Eu disse logo “Quero!”. Eu sempre digo que sou a pessoa que sou hoje porque a PIDE⁴ e também a Igreja Católica (mas isso é outra história) é que me empurraram para aí. Se não houvesse repressão eu não teria seguido este caminho. Ainda bem. Tenho que agradecer isso a Santa Madre Igreja e a PIDE (*risos*). Então, nós éramos meninas e meninos para essa associação e já aí a desigualdade de gênero saltava à vista não é.... Eu sempre tive consciência disso acho, acho eu, mas ali tornava-se mais imperioso discutir isso e opormo-nos a isso. Então as minhas primeiras noções de feminismo vêm dessa tensão entre homens e mulheres que estavam envolvidos na luta e a sensação de que havia muita coisa que precisava de ser mudada do ponto de vista político e

4. A entrevistada refere-se à Política Internacional e de Defesa do Estado, ativa durante o período da ditadura fascista portuguesa.

social e uma delas era a condição feminina. Pronto, estes são os meus primeiros passos. Ali nessa altura, fins dos anos 50, princípios dos anos 60, não havia uma prática feminista como há hoje... quer dizer, as mulheres não se organizavam em organizações práticas para se ter um programa. Não existia. E depois com a guerra colonial e a inclusão de cerca de um milhão de mulheres nos anos 60 no mercado de trabalho, essa passagem à vida ativa não produziu nenhuma revolução, nenhuma alteração nos papéis de género, mas deu às mulheres algum poder económico. Antes as mulheres eram quase animais domésticos que estavam submetidas ao salário do marido. Eu estou a falar das mulheres em geral porque as mulheres trabalhadoras proletárias sempre trabalharam. Toda a vida trabalharam! Mas muitas vezes... por exemplo o caso das miúdas conserveiras das fábricas de sardinha: o salário dessas meninas com 13 ou 14 anos não ia para as mãos delas, ia para as mãos do pai, era ele que ia buscar o salário delas e elas não viam o dinheiro. Portanto, quando elas começam a ser contratadas no mercado de trabalho com o salário e um contrato, supostamente, elas começam a apropriar-se da sua independência económica ou pelo menos de poder gerir de alguma maneira, nem que fosse em parte, a sua capacidade de tomar decisões, que tem a ver com o nível económico em que estão.

Depois eu pertencia a um grupo maoísta que era muito puritano nesse aspecto, quer dizer, não era puritano, era talvez muito omisso. Porque a ideia era: nós estamos todos numa atividade clandestina, revolucionária e queremos uma revolução socialista, mas estamos todos em pé de igualdade, somos todos camaradas, as distinções

entre nós não importam, o que interessa é a nossa capacidade de militância, de agir e de pensar. Portanto a questão de gênero era uma coisa adiada; “um dia, talvez nessa tal sociedade, isso resolve-se, não vamos nos preocupar com esse assunto”. Mas o bichinho fica. A pessoa não se esquece da sua condição e todos os dias, quer na militância, quer na vida privada ou na vida laboral, apercebe-se dessas diferenças. Então a certa altura o grupo comunista (maoísta) em que eu estava, um pouco por... como hei de dizer isso?... uma grande imaturidade política, mas também um pouco por necessidade de experimentar na sua vida privada a igualdade de gênero, resolvemos constituirmo-nos em comuna. E a comuna, ao contrário do que diz a direita, não é trocar de marido e de mulher a qualquer hora e momento! A comuna era igualdade de circunstâncias, portanto todos os salários eram metidos numa caixa comum e as necessidades de cada um eram satisfeitas por aquilo que estava disponível. Isto é uma teoria porque *pronto* vem do Manifesto Comunista, mas na realidade o que se passava era que o dinheiro era sempre escasso. Nós passávamos todos mal, não passamos propriamente fome, mas só tínhamos o indispensável para viver e esta comuna acabou por se desfazer porque... tu não podes mudar as relações pessoais numa pequena bolha em uma sociedade que é toda distorcida e isso acaba por penetrar nas ideias da própria comuna, que acabou por se desintegrar por não ter viabilidade. Mas a experiência em si foi interessante porque deu-nos uma outra visão de como se pode viver sem ser em família nuclear, egoísta fechada sobre si sem solidariedade nenhuma. Não. Havia ali solidariedade, muita discussão política. Discutimos as questões laborais, as

questões políticas tanto quanto o regime nos permitia, tudo clandestino e discreto, mas *pronto* era uma vivência diferente daquela que eu teria se estivesse em família nuclear. Eu já estava casada, já tinha dois filhos pequenos...

Pâmela: E isso foi em que ano Ana?

Ana: Isto foi... deixa-me fazer contas... 69, 70... 1971. Então quando veio o 25 de Abril e nos organizamos, os grupos maoístas começaram a reunir-se para constituir um partido comunista. Levantou-se de novo a questão feminina, quer dizer as ações tornaram-se comuns, começamos a construir um programa, juntamos tudo o que fosse consensual e era preciso distribuir tarefas e uma das tarefas era a questão da mulher. E vieram ter comigo. “O que tu achas sobre a questão da mulher?” e eu disse “*pá* é um problema candente, é uma necessidade social e política é uma coisa importantíssima”, “mas tu não achas que as nossas tarefas... a questão das greves, da ligação com a classe operária, a questão da luta antifascista, a questão colonial... não achas que são causas mais importantes?”, “sim claro, são!”, “então nesse caso não vamos fazer um departamento feminino” (*risos*), adiado e adiando. Depois aparece a Umar⁵ e dizem “vamos fazer uma União das Mulheres Antifascistas e Revolucionárias” e *pá* o nome apareceu-me bem! (*risos*). Enfim.

5. A UMAR teve originalmente esse nome, “União das Mulheres Antifascistas e Revolucionárias”, alterando, nos anos 1980 para União de Mulheres Alternativa e Resposta.

No PCP(R)⁶ o que eu fiz do ponto de vista feminista é que nós, a UDP⁷ ocupou um palacete abandonado logo a seguir ao 25 de Abril nos primeiros meses, ali em Benfica e também distribuímos tarefas e uma delas era a das mulheres. Porque as mulheres eram essenciais, por exemplo, na luta pela ocupação das casas. As mulheres é que estavam na vanguarda desse processo! Elas que iam com os filhos agarrados pela saia ocupar as casas e os homens vinham à noite, “oh Maria abre-me a porta que estou aqui” quer dizer o trabalho das ocupações foi feito pelas crianças e suas mães. Então esse grupo de mulheres... e havia as mulheres da Fábrica Simões, que estavam ali muito, naquela altura deviam ser mais de 500 mulheres a trabalhar ali. Mas com essas mulheres não fizemos “trabalho de mulher” nós íamos vender o jornal, nós recrutamos para o partido, nós falávamos da política e da luta contra o patrão mas de uma maneira geral não havia uma linha própria – como devia haver se houvesse uma organização de mulheres, independente e autónomo para o trabalho de mulheres – a única coisa que foi realmente feminina foram as comissões de luta contra a carestia de vida porque começaram a subir loucamente os preços ... quer dizer, o processo revolucionário estabeleceu um salário mínimo, houve aumentos de salário universal, toda a gente passou a viver melhor – toda a gente de baixo – e o patronato, passados uns anos, responde com essa questão do teto salarial, dos recibos verdes graças a esse monstro sagrado que era o Mário Soares. A carestia de vida era um problema para as famí-

6. Partido Comunista Português (Reconstruído), criado em 1975, com orientação marxista-leninista.

7. União Democrática Popular, partido marxista criado em 1974.

lias, como está a ser agora, mas naquela altura era mais severo, mais dramático. Então começamos a fazer piquetes de mulheres nos mercados – antigamente ainda se usava muito, não havia supermercados ainda –, usava-se os mercados de bairro e íamos aos mercados aqui de São Domingos de Benfica o Mercado de Benfica, os mercados dos nossos bairros eram os nossos pontos de trabalho e a gente punha-se à porta dos mercados com os panfletos para dar às vizinhas e a discutir com elas... “não pode ser, precisamos nos organizar, isso não pode ficar assim” (*risos*), muita agitação, muito palavreado, mas nós estávamos a trabalhar com mulheres domésticas, de pequena baixa burguesia, não era uma matéria inflamável. Então o nosso trabalho acabou por se perder nessa... não havia agressão nem havia oposição aberta. *Pá* diziam, “você têm toda a razão, mas eu agora tenho que ir fazer o almoço”. As pessoas não acreditavam que se podia combater a carestia pela luta. Portanto, a posição radical de nos organizar para lutar era uma mensagem que elas não queriam aceitar. Porque elas achavam que havia outras formas de lutar contra a carestia. Há um acontecimento na minha vida que é muito importante e que eu estou a esquecer. Quando casei, muito cedo, eu tinha 18 anos quando encontrei meu marido e casamos pouco tempo depois. E ele ofereceu-me um livro da Alexandra Kollontai chamado “A mulher e a Moral Sexual”, uma edição brasileira, até estou a ver a capa. Era uma compilação daqueles textos fantásticos e incríveis da Kollontai e eu devo muito ao meu companheiro ele ter se lembrado de me dar aquele livro porque deu-me novas luzes. Ele não me doutrinou, não me disse nada, mas deu-me um livro para ler e isso foi fantástico, isso mu-

dou muito a minha posição em relação à toda a filosofia de vida e a mulher lá dentro, portanto o papel central da mulher. Mas eu nunca consegui na minha vida política (*risos*) pôr em prática nem um décimo daquilo que a Alexandra Kollontai me ensinou! Esse é que é o drama.

Pâmela: Recentemente reli o seu texto sobre a família na Revolução Russa⁸ e como naquele breve momento – e em outros durante o século XX – conseguimos alcançar o que parecia inalcançável sob o ponto de vista de um feminismo de classe. Parece-me muitas vezes que nos desviamos deste caminho de luta, de tomada de poder e da luta feminista.

Ana: Da mesma maneira que nos desviamos pela luta para a tomada do poder e a conquista da ditadura do proletariado, tudo está perdido e no meio o feminismo também se perdeu. Não quer dizer que não se reencontre esse caminho..., mas nós andamos perdidos no meio do pântano, nós vivemos no pântano e não conseguimos sair do pântano. Então isso reflete em todos os aspectos da nossa luta. Qualquer que seja a nossa tendência dentro das nossas organizações revolucionárias nós estamos quase sempre no pântano. E encontrar a chave desse percurso para caminhar numa direção futura, promissora, é uma coisa que ainda não se descobriu, não se sabe onde é que está essa chave. Há pessoas que levantam hipóteses, mas não são seguidas. Eu estou-me a lembrar do Chico Martins, onde ele escreve o Anti-Di-

8. Refiro-me aqui ao texto *A família na União Soviética. Crise e reconstituição 1917/1944*, de 2017. Disponível em: <<https://bandeiravermelha123.wordpress.com/2017/02/05/a-familia-na-uniao-sovietica-crise-e-reconstituicao-19171944/>>. Acesso em 15 de novembro de 2022.

mitrov,⁹ está a apontar um caminho, mas se a massa dos revolucionários não quer tomar esse caminho, a coisa fica adiada, não é?

Estou a falar do geral, mas aqui está contido o feminismo. Não haverá o feminismo social, político, revolucionário e bolchevista, como tu dizes, enquanto não houver uma vanguarda na classe operária para dirigir isso. Eu sei que estou a falar em termos que não são da tua opinião, mas estou convencida de que nenhum feminismo hoje se pratica se não estiver dirigido para o público, para as questões das mulheres proletárias. Portanto a primeira questão da mulher proletária tem a ver com a exploração capitalista, ao contrário do que se pensa, não se tem a ver com a violência doméstica, também não tem a ver com a violência e com o assédio laboral, sexual, e social, mas tem a ver com a exploração direta, com o salário que tu recebes como mulher, e o salário que tu recebes é sempre menor do que o do homem. Essa que é a questão fundamental – o capitalismo – de qualquer feminismo que seja revolucionário, e não vejo nenhuma organização fazer essa luta.

Pâmela: Mas essa pauta e maneira de se enxergar a luta feminista, apesar de ser encarada por poucas organizações, existe. Ainda assim, há uma relação direta, sobre a exploração salarial, como a Ana exemplifica, com outros elementos que traçamos neste livro, como a condição social estabele-

9. A entrevistada refere-se ao político comunista Francisco Martins Rodrigues, fundador do CMLP e um dos fundadores da UDP. Sobre este livro em específico, *Anti-Dimitrov - 1935/1985, meio século de derrotas da revolução*. Lisboa, Edições Dinossauro, 2008.

cida para a mulher a partir do seu gênero, ou seja, por suas características construídas socialmente. A situação mais visível é a dupla jornada de trabalho, os cuidados domésticos, dos filhos, dos mais velhos, impelindo uma carga absurda sobre a mulher trabalhadora. Há aqui um agrupamento de questões que ultrapassam a questão econômica do feminismo dos anos 20, por exemplo...

Ana: Claro, mas o feminismo dos anos 20 não se baseava só na questão do trabalho igual para salário igual. Tinha toda essa componente, porque há um feixe de contradições em volta da condição feminina que se entrelaça com esse outro laboral. A questão decorre da resolução da desigualdade do trabalho da mulher, a resolução ou aproximação da revolução dos restantes problemas que são todos derivados daí. Quer dizer, a razão por que a mulher tem uma posição subalterna hoje no processo de produção tem a ver com a sua condição feminina, com o gênero; e o gênero tem implícitas na cabeça do pensamento dominante todas as obrigações que ela presta gratuitamente na sua vida e que não tem a ver com o trabalho assalariado, se ela tivesse um salário como deve ser, ela teria condições, porque a sociedade teria evoluído na outra direção, como dizia a Kollontai, para ter satisfeita todas as outras tarefas de forma social, como ser mãe e cuidar da casa ou cozinhar, ou tratar dos idosos, dos doentes e tudo isso seria assumido socialmente. As desigualdades da mulher não se resolvem no sistema capitalista. Não tem solução. Precisa de uma revolução para começar a ser resolvida. E isso é que eu acho que é um trabalho feminista como deve ser: junto da classe operária, trabalhar para igualdade sem a ilusão de que

alguma vez será possível consegui-la aqui. A igualdade só existe, e mesmo assim, em regime socialista, e vai ser preciso uma dura luta em socialismo para todas essas carências das mulheres serem satisfeitas. Como se viu pelo exemplo da Kollontai. A Kollontai foi Ministra dos Assuntos Sociais durante bastante tempo e implementou uma série de coisas absolutamente inauditas, porque ninguém estava a se lembrar daquilo, e altamente benéficas para a condição da mulher e, contudo, passado 5 ou 6 anos – já se sabe que há fatores externos negativos –, mas internamente a própria direção do partido e a direção do estado foi pouco e pouco eliminando todas essas conquistas. Porque não se estava a caminhar para o socialismo! Estava-se a retroceder. Eu acho que todo movimento feminista, seja em qualquer ponto do mundo hoje em dia que não tenha essa noção, essa clareza de conhecer o processo histórico, concretamente a Revolução Russa, mas pode-se falar também da chinesa, do Vietname, de Cuba, em toda a parte... se não tivermos essa noção, e se não aplicarmos isso nas condições das mulheres proletárias nós não poderemos avançar no feminismo esclarecido.

Pâmela: Sobre isso que você acabou de falar, sobre essa necessidade de transbordar feminismo para as mulheres trabalhadoras, queria retomar uma questão mais histórica, sobre os livros que a Ana escreveu. É aparente uma tentativa de buscar mulheres que foram esquecidas, e agora me lembro das *Clandestinas* ou o *Dicionário das Mulheres Rebeldes*. Como é que nós conseguimos trazer essas mulheres para uma realidade histórica de luta, no campo prático, enquanto, ao mesmo tempo, estamos numa contradição de escrita

da história que apaga mulheres, mulheres da classe trabalhadora. Há uma construção histórica vasta sobre mulheres na literatura, na política, mas não sobre trabalhadoras. E falo sobre historiografia. Mas é sobre essas mulheres que nos interessamos envolver para alcançar um feminismo de classe. Queria te ouvir um pouco sobre o que você considera sobre esse apagamento.

Ana: Tu estás a fazer uma pergunta que vale um milhão de dólares (*risos*). Eu não sei responder cabalmente as tuas interrogações, mas acho que nós mulheres, revolucionárias, que nos preocupamos com o feminismo, temos que fazer esse trabalho de consciencialização para nós próprias e para a nossa envolvência, quer na militância ou nas pessoas fora da militância que nós podemos atingir, para fazer compreender que o caminho que estamos a seguir não é esse, é outro! E esse outro é ir buscar toda essa massa de esquecidas, e eu falo de mulheres porque sou mulher, mas se fosse homem, eu ia buscar uma data de esquecidos homens. E tudo isso tem a ver com o sepultamento da classe operária. Enquanto a classe operária estiver dominada do ponto de vista da exploração capitalista e abandonada pelos setores radicais da extrema-esquerda, essa classe com homens e mulheres nunca poderá superar todas essas dificuldades dos esquecidos. Porque é que estão esquecidos? Por que ninguém se interessa por eles e porque é que é preciso ir acordar essa memória para retomar um caminho revolucionário que nos foi apontado pelos primeiros meses da revolução bolchevique e concretamente pelo que diz a Alexandra Kollontai, que continua a ser a máxima referência, para mim pelo menos, e acho que ainda não apareceu nin-

guém que superasse a clareza do pensamento dela. O nosso trabalho é a nossa conjuntura, fazer propaganda destas ideias, bater-nos por elas do ponto de vista pessoal e do ponto de vista político. Por exemplo, na Política Operária¹⁰ toda a gente admitida a igualdade de género, teoricamente. Mas eu tive grandes dificuldades em impor ideias feministas. E por isso é que no tempo em que eu escrevi para a Política Operária começou a surgir essa necessidade. *Eh pá!* vou lembrar a estes meus camaradas machos que as mulheres, toda a vida lutaram pela sua emancipação e pela revolução. A revolução francesa foi iniciada pelas mulheres, a revolução russa foi iniciada pelas mulheres e em todos os casos de revoluções proletárias as mulheres estão sempre na vanguarda. Nisso os homens revolucionários são tão machistas como os outros que não sabem reconhecer isso. Esse é o primeiro passo, nas nossas relações revolucionárias: fazer impor essa questão de que a mulher é o futuro do homem! No sentido em que se não houver a preocupação de lutar, as mulheres lutarem prioritariamente pela sua emancipação não haverá revolução socialista. Tão simples como isso. Não sei se estou a responder a tua pergunta (*risos*).

Pâmela: Aqui o que importa é trocarmos essas ideias, sem respostas claras (*risos*). Sei que a Ana já há muitos anos apresenta-se para conversas em escolas e que esteve agora na ocupação da Escola Camões, e queria te perguntar sobre essa envolvimento com estes jovens, não só sobre o feminis-

10. Ana Barradas refere-se à Organização Comunista Política Operária. Foi um coletivo criado em 1985, editavam a revista “Política Operária” e tinha a entrevistada dentre os editores.

mo de classe, mas sobre uma maneira alternativa de se perceber a sociedade.

Ana: Sim, falei com eles em meio às tendas com um almocinho feito ali mesmo. Sim, eu acho que a juventude é um manancial, com um potencial muito grande revolucionário se for conduzida nessa direção, porque também pode ser um referencial burguês. A questão é: os jovens estão num limbo da vida em que deixam de ser adolescentes e ainda não entraram no mercado de trabalho, portanto estão numa encruzilhada em todos os aspectos. E no espectro político estão muito sensíveis às influências, boas ou más, estão muito acordados, muito despertos, querem saber, querem se orientar e tomar posição. Então esse é o momento ideal para contactar os jovens, aliás foi o que aconteceu comigo, foi por ter sido contactada nessa ocasião, nessa altura da vida que eu me orientei nesta direção, não foi por razões de classe. Porque eu era uma pequena burguesa, nem estava ainda a trabalhar. Mas então o contacto com os jovens, eu prezo muito porque quando debato com eles sinto que eles estão muito abertos a todas as ideias mesmo que não sejam as suas, ou talvez mais abertos às ideias dos outros para procurar caminhos, são muito disponíveis para o debate como deve ser. Estão muito abertos e mesmo que eles não sigam os teus passos ou não concordem com o que tu dizes, a tua presença e a tua capacidade de explicar e de tentar convencer é uma coisa que perdura na consciência deles mesmo que não se deem conta disso. Mais tarde vão-se lembrar de alguma coisa que eu disse, aquilo vai ficar gravado, “ela talvez tenha razão” ou “concorro muito com o que ela disse, não tinha pensado nisso”.

Essa capacidade de impressionar a juventude tem sido muito perdida porque os movimentos revolucionários entram nas escolas, não entram nas fábricas, a juventude das fábricas ou dos campos não existe para eles, existem as escolas. Entram nas escolas com o discurso já pré-fabricado, com as suas palavras ordem e jornais, mas isso escapa da consciência dos jovens porque os jovens não querem isso. Querem outra coisa, e essa outra coisa só se encontra no contacto com eles, eles é que te vão dizer do que é que precisam. E tu também tens que ir de coração aberto, entregando a tua experiência, que sabes que é valiosa, mas sem querer impor coisa nenhuma porque não é por aí, não é por aí. Estes miúdos do Liceu Camões [...], podem não me reconhecer nunca mais, mas há coisas que disse e não é porque as disse, foi porque eu vivi certos contextos e certas conjunturas que eles não conheceram e que lhes vão calar fundo, eles vão dizer “*eh pá* aconteceu isto e ela estava lá”.

Pâmela: Nessas conversas, chega a abordar alguma coisa sobre feminismo ou sobre os direitos das mulheres?

Ana: Não porque falei no sentido do passado, quando as meninas estavam nas escolas de meninas e os meninos estavam nas escolas de meninos e, portanto, havia um trabalho de convívio, e naquela altura eu estava encarregue de organizar os bailes (*risos*) que era o único momento, sábado à tarde, onde raparigas e rapazes podiam se encontrar legalmente, tinham que pensar juntos, dançar juntos, encostar. Portanto havia ali uma componente de as mulheres estão cortadas e os rapazes estavam livres. Mas isso sabem eles, de suas próprias experiên-

cias. Aliás eu achei aquilo curioso pois é uma ocupação com pernoita, dormem lá, havia mais meninas do que meninos, eu até perguntei: “mas os vossos pais autorizaram?”, “Sim, sim”. Quer dizer, também a atitude dos pais mudou muito em relação ao que era naquela noite tenebrosa do fascismo, portanto, hoje a igualdade, continuando a existir patriarcado e opressão das mulheres, expressa-se de maneiras diversas e mais lenientes do que eram dantes. Hoje é mais fácil ser mulher do que era há 50 anos, porque as mulheres têm socialmente à disposição, supostamente, a capacidade para se emanciparem, pois o capitalismo, para atingir os meios de produção também necessitou de dar alguma emancipação, mas por razões de mercado. As mulheres estão cada vez mais incluídas no mercado, primeiro porque são mão de obra mais barata, segundo porque têm capacidades que os homens não têm, terceiro porque executam um trabalho social altamente qualificado e completamente gratuito, e isso é reconhecido pelo capitalismo como um avanço. E na realidade é. Só que essa situação reverte a favor do capitalismo e não a favor das mulheres.

Pâmela: Ana, por fim, quais são os desafios que nós temos pela frente enquanto mulheres, investigadoras, militantes e todas feministas, uma vez que o tema do nosso livro entrelaça a ideia de se pensar raça, gênero e classe.

Ana: Sim e tu e eu temos uma história a volta disso, tentamos várias vezes despertar a capacidade das mulheres a se organizarem e ter um programa próprio que não fosse esse programa *mainstream*, e acho que isso é que se tem que fazer, só que a nossa conjuntura é péssima

E nós não conseguimos fazer isso pela qualidade do nosso esforço somente, é preciso que haja uma diferente conjuntura, mais favorável para as mulheres que nós abordamos concordarem connosco em que nos devemos organizar-nos com um programa feminista revolucionário, e portanto é para isso que eu que me disponho e não «para mais nada! Nós mulheres é que temos que fazer isso porque os homens não fazem por nós; nós temos que fazer a ligação à classe operária das mulheres, é o primeiro passo e enquanto não tivermos consciência e contacto com a vanguarda das mulheres que lutam em seus locais de trabalho e na vida contra o capitalismo, nós não podemos ter capacidade para organizar nada. Podemos pensar, podemos repetir – como fazemos aqui –, podemos propagandear, escrever, etc. esse é um bom trabalho, não se perde, mas dar a volta à coisa na situação atual não é possível. A nossa pauta é incontestável, e a principal delas é ser a ligação entre as mulheres da classe operária.

O conceito de mulher trabalhadora não é talvez o mesmo que o teu, vocês dizem “as mulheres trabalhadoras”. Não! Eu digo” as mulheres de uma determinada classe”. Não quero trabalhar com as mulheres pequeno burguesas porque elas têm 50 organizações para se organizarem enquanto pequeno burguesas emancipadas. Quero trabalhar com mulheres proletárias. As mulheres do campo, a mulher da fábrica, a mulher da pequena oficina, a mulher, inclusive, dona de casa que quer ter uma perspectiva e, portanto, esse é o nosso trabalho e quando nós conseguimos fazer isso a coisa explode, como aconteceu no 25 de Abril. No processo revolucionário as primeiras

lutas, é preciso dizer, as primeiras lutas contra a exploração capitalista foram feitas por mulheres, aqui, concretamente em Lisboa foi a primeira ocupação, era uma pequena lavandaria na Almirante Reis, houve uma ocupação espontânea sem nenhum partido por trás, poucas mulheres, seriam uma dúzia de mulheres que sequestraram o patrão, ocuparam aquilo e geriram durante meses. Até está reproduzido em um documentário onde uma diz “não, nós não queremos aqui o patrão, o patrão não pode entrar, não precisamos do patrão para nada”. Portanto, uma explosão social produz sempre elementos de vanguarda espontaneamente, naturalmente se manifestam, e aí que a gente tem que ir ter com essas cenas porque sei que é nossa gente aquela que nos faz avançar para a revolução. Mas não é ir lá para dar lições, é para ir aprender com eles, nós temos a teoria. Nós entregamos a teoria e eles têm o instinto de classe e a capacidade de lutar contra o patronato, isso é que tem que ser unificado.

Pâmela: Mas a Ana não acha que essas mulheres que lutaram no 25 de Abril sentiram uma espécie de derrota, muitas vezes de serem humilhadas, colocadas para baixo e por isso e por outros fatores, se distanciaram da luta?

Ana: As mulheres interiorizam que o seu papel é secundário, não se sentem derrotadas, sentem-se confinadas no seu papel de gênero. Podem se revoltar, podem não concordar, e quando estão em oposição já não há derrota. Há uma tentativa, esperança ou desejo de combater. Eu acho que entre as mulheres essas mais conscientes, mais combativas, que querem mais libertar-se não há esse sentimento de derrota. Às vezes há a noção de que

há uma conformidade; a coisa é assim e temos que aceitar, mesmo não concordando. E, portanto, é por isso que muitas vezes essas mulheres na família nuclear tomam o poder, no sentido em que começam a mandar em coisas importantes da família como casar, como ter filhos, como combater a bebedeira do marido, enfim, encontram sua estratégia de gênero, e acabam por transferir para a sua vida pessoal capacidades de comando e decisão que sutilmente introduzem na vida familiar. Mas isso não se passa na vida do trabalho, em uma vida mais alargada social ou política. Eu acho que o processo revolucionário produziu um sentimento de derrota naqueles militantes muito combatidos que pensavam que o socialismo estava ali ao virar da esquina e quando verificaram que não estava, entraram em depressão. Mas muita gente como eu que também participou desse processo não se sentiu nem nunca se sentirá derrotada porque isto é um longo processo histórico.

Pâmela: Mas aqui estamos falando de pessoas na maior parte dos casos que não eram da classe trabalhadora e que já possuíam uma consciência política...

Ana: Mas as mulheres que entraram na luta no movimento operário em Portugal já tinham uma consciência ou ganharam uma consciência. Quem entrou em luta ganhou sempre mais consciência. Porque a conversa do incentivo para a luta e algumas vitórias obtidas, parcelares mas ainda vitórias, que pareciam impossíveis, deram a essas mulheres o sentido de que se nós conseguimos obter uma certa posição nós podemos ganhar, e, portanto essa memória histórica pode não estar expressa

mesmo na consciência delas mas é residual na consciência popular. Houve um processo em que nós decidíamos se ocupávamos a fábrica e agora não há, mas um dia há de haver! Se tu não tens essa consciência, quando o momento surgir, será reconhecido! “Ah está aqui uma brecha e agora é que nós poderemos avançar”, isso é um movimento espontâneo, que é coletivo, mas que toca cada um dos indivíduos que participam e os indivíduos que participam arrastam o resto da massa ou podem arrastar. As mulheres tiveram papel de vanguarda às vezes escondido, mas era preciso realçar que, em muitas lutas, as mulheres tiveram a frente e depois deram a passagem aos homens por uma questão patriarcal, na realidade o que elas fizeram ali transformou-as para a vida toda, mesmo que elas não se vejam em uma situação de agentes, como nós vimos na Sogantal. Quer dizer, essas mulheres nunca viriam a ser as mesmas que eram antes do processo revolucionário, alguma coisa ficou.

O Lenine diz que a experiência de um dia em um processo revolucionário pode corresponder a 10 anos de militância, ele não diz nesses termos mas a ideia é essa, o movimento social em combate ensina-te muito mais do que um período em que não há conflito nenhum, porque é o encadear sucessivo, repentino e acelerado dos acontecimentos que te abre a cabeça para a ação.

